

# «Mesmo que tenha encontrado muitos amigos, por que se sente tão sozinho? E, então, para que servem esses amigos?»

«PASSOS DE EXPERIÊNCIA CRISTÃ»

## 2. Solidão - Comunidade

por Luigi Giussani\*

### SOLIDÃO

Uma sugestão importantíssima nos vem da situação dos Apóstolos narrada nos versículos 9-11 do primeiro capítulo dos *Atos*. Cristo se foi e eles continuam ali, parados, boquiabertos – a sua esperança foi-se embora –, desce sobre eles a solidão, como sobre a terra a escuridão e o frio logo que o sol se põe. Quanto mais descobrimos nossas exigências, tanto mais tomamos consciência de que não podemos satisfazê-las por nós mesmos, nem o podem os outros, homens como nós. O sentimento de *impotência* acompanha cada experiência séria de humanidade.

É este o sentimento de impotência que gera a *solidão*. A solidão verdadeira não provém do fato de estar fisicamente só, mas sim da descoberta de um problema fundamental nosso não pode encontrar resposta em nós ou nos outros.

Pode-se perfeitamente dizer que o sentimento da solidão nasce exatamente no coração de cada empenho sério com a própria humanidade. Pode entender bem isso quem acredite ter encontrado a solução de uma grave necessidade sua em alguma coisa ou alguém: e isto desaparece, escapa-lhe, ou se revela incapaz. Estamos sozinhos com as nossas necessidades, com a nossa necessidade de ser e de viver intensamente. Como uma pessoa sozinha no deserto: a única coisa que pode fazer é esperar que venha alguém. E não será certamente o homem a trazer a solução; pois o que tem que ser resolvido são justamente as necessidades do homem.

### COMUNIDADE

Os Apóstolos voltaram do lugar de onde Cristo tinha subido ao céu, e permaneceram juntos<sup>1</sup>.

Alguém que descubra verdadeiramente e viva a experiência da impotência e da solidão, não está só. Ou melhor, somente quem tem a experiência da profunda impotência humana, e portanto da solidão pessoal, sente-se perto dos outros e se achega facilmente a eles, como pessoa perdida e sem abrigo numa tempestade, e sente o seu grito como grito de todos, e a »

<sup>1</sup> Cf. At 1, 12-14.

\* Do volume *O caminho para a verdade é uma experiência*, Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo 2006, pp. 105-108.

» sua ânsia e a sua espera como ânsia e espera de todos.

Somente quem possui a verdadeira experiência da impotência e da solidão está com os outros sem cálculos e sem prepotência e, ao mesmo tempo, sem passividade, sem se deixar arregimentar, sem se submeter a tornar-se escravo da sociedade.

Um homem pode dizer-se empenhado seriamente com as suas experiências humanas somente quando sente esta comunidade com os homens, comunidades sem limites e sem restrições, comunidade com cada um e com todos, porque vive o empenho com o que de mais profundo há em nós e, portanto, com o que há de comum em todos.

Um homem é verdadeiramente empenhado com as suas experiências humanas quando, dizendo “eu”, vive-o tão simples e profundamente a ponto de senti-lo fraternalmente solidário com o “eu” de todos os outros homens.

Seja como for, a resposta de Deus alcançará somente o homem assim empenhado.

É preciso desde logo notar que essa solidariedade com toda a humanidade vive de fato quando se realiza num ambiente determinado. Também nos *Atos dos Apóstolos*<sup>2</sup> a comunidade dos Apóstolos surge numa situação bem determinada (ou *ambiente*). Lugares e pessoas não foram eles que os escolheram; encontraram-se naquele meio quase que por acaso, e toda a sua vida dependerá dele.

É assim que a nossa humanidade pessoal surge, toma forma e se alimenta num *ambiente* bem preciso: encontramos-nos dentro, não o escolhemos nós.

A atenção para compreender todo o ambiente, a oferta do nosso senso de comunidade a todas as pessoas do ambiente mede a abertura do nosso empenho humano, coincide com a seriedade do nosso empenho com toda a humanidade. Não compete a nós excluir alguém da experiência da nossa vida humana; a escolha cabe somente a Deus, que a realiza através da situação na qual nos coloca. De outro modo, seria um ato subjetivo nosso, o abuso de um esquema preconcebido por nós.

---

<sup>2</sup> Cf. At 1, 13.23-26.